O DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO E SUAS VARIANTES: REVISITANDO ROBERT FLAHERTY, LENI RIEFENSTAHL E JEAN ROUCH

THE ETHNOGRAPHIC DOCUMENTARY AND ITS MODIFICATIONS: FACING ROBERT FLAHERTY, LENI RIEFENSTAHL AND JEAN ROUCH

João Eduardo Hidalgo[1], Rosa Maria Araújo Simões[2]

Abstract *— When Robert Flaherty (1884-1951) pointed his camera to Nanook, a Northern Inuit of Canada in 1921 he created without knowing the actual record for the audiovisual and also the ethnographic genre, because he framed an ethnic group. In the 1930s the German Leni Riefenstahl (1902-2003) built for Hitler a visual representation of Aryan Man Myth in Triumph of the Will (1935) and Olympia (1938) and revolutionized the language of documentary, also having an ethnic intention in mind. Investigating the social conditions of the population of Paris, with a question 'Are you happy?' Jean Rouch (1917-2004) entered the designation of 'cinema verite' in this type of documentary in 1959 and sought to show the conditions of the French colonies in their works Le maîtres fous (1954) and Moi un unoir (1958). Our goal is to reflect on the legacy of the three key authors to understand the documentary such as logging and construction of an identity.*

Index Terms – audiovisual, ethnographic, visual representation

Resumo *- Quando Robert Flaherty (1884-1951) apontou sua câmera para Nanook, um esquimó do norte do Canadá em 1921 ele criou sem saber o registro real para o audiovisual e também o gênero etnográfico, pois enquadrou um grupo étnico. Nos anos 1930 a alemã Leni Riefenstahl (1902-2003) construiu para Hitler uma representação visual do mito do homem ariano em Triunfo da vontade (1935) e Olympia (1938) e revolucionou a linguagem do documentário, tendo também uma intenção étnica em mente. Investigando as condições sociais da população de Paris, com uma pergunta 'Você é feliz?' Jean Rouch (1917-2004) inseriu a designação de 'cinema verdade' neste tipo de documentário em 1959 e procurou mostrar as condições das colônias francesas em suas obras Le maîtres fous (1954) e Moi un unoir (1958). Nosso o objetivo é refletir sobre a herança destes três autores fundamentais para entender o documentário como registro e construção de uma identidade.*

Palavras chave – audiovisual, etnográfico, representação visual

[1] João Eduardo Hidalgo Universidade Estadual Paulista UNESP, Brasil
[2] Rosa Maria Araújo Simões - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Brasil
DOI 10.14684/WCCA.8.2015.383-383
© 2015 COPEC